



Marta Morin, uma das mais distintas cantoras atualmente no Coliseu dos Recreios.

II série—N.º 555

ILUSTRAÇÃO

Lisboa, 9 de Outubro de 1916

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha
Trimestre, 1\$20 ctv.—Semestre, 2\$40 ctv.
Ano, 4\$80 ctv.

PORTUGUEZA

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso, 10 centavos

— EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL "O SECULO" —

Editor—JOSÉ JOUBERT CHAVES

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1802
VERDADEIROS

Grãos de Saúde
do **D^r Franck**

(Véritables Grains de Santé du D^r Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogeries.

DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

BREVEMENTE
Almanaque d' O SÉCULO
(ILUSTRADO)
PARA 1917

Para encadernar o 1.º semestre de 1916 da **Ilustração Portuguesa** Artísticas e elegantes capas em percallina. Preço 400 réis. Remetem-se pelo correio a quem enviar a Importadora em ordens postais ou vale do correio.

TAMBÉM SE REMETEM LINDAS CAPAS DOS SEMESTRES ANTERIORES E PELO MESMO CUSTO. Procedem-se também ao trabalho de encadernação, devendo para isso ser enviada, além da coleção e do custo da capa, 240 rs. para o empaque e 400 rs. para o transporte depois de pronta.

Dirigir os pedidos à Administração do SÉCULO, Rua do Seculo, 43 - LISBOA.

CREME DEPILATORIO
pronto a empregar. Efeito garantido. Perfumado. Tira rapidamente, e penugem, barba, e pelos mais rijos de cara e do corpo Não produz nem borbulhas nem vermelhidão não irrita a pele. - Envio discreto e franco contra vale do correio de \$80 centavos

Epil' vite
Epil' vite
Epil' vite

REPRESENTANTE: **JULÉS DELIGANT**
15, Rua dos Sapateiros - LISBOA

Ao publico do Brazil

Chegando ao nosso conhecimento que um tal Abílio de Freitas Azevedo, já muito conhecido em varios pontos do Brazil pela falta de seriedade nos seus negocios, e Manoel Gomes Carneiro, a quem não conhecemos, tem andado ultimamente intitulando-se empregados da empresa do *Seculo*, e pedindo anuncios para a *Ilustração Portuguesa* e demais edições desta casa, recebendo as respectivas importancias, cobrando também importancias de assinantes nossos já existentes para renovação das suas assinaturas, declaramos que taes individuos não são, nem foram nunca, nossos empregados, nem tem qualquer especie de relações com a empresa do *Seculo*, sendo, portanto, um refinado abuso de confiança o que andam fazendo.

Assim, pois, lembramos aos nossos assinantes e ao publico em geral a conveniencia de não se deixarem ludir na sua boa fé por estes ou outros cavalheiros d'industria, não satisfazendo quantia alguma senão a quem prove com documentos estar para isso por nós autorisado, precavendo-se d'esta fórma contra as burlas dos taes Feltes d'Azevedo e Carneiro ou outros que porventura possam aparecer, burlas pelas quaes a empresa do *Seculo*, como se compreende, não pôde ser responsavel.

O Freitas Azevedo, para melhor ludir as suas vittimas, dando ares de seriedade á sua *escroquerie*, teve artes de se associar ao sr. Antonio C. Martins, do Porto, que adquiria d'aquella cidade exemplares do *Seculo*, da *Ilustração Portuguesa*, *Modas & Bordados* e *Seculo Comico*, e os remetia para o Rio de Janeiro a Amaral & C., rua da Alfandega, 110, 1.º, com quem o mesmo Freitas Azevedo é igualmente associado.

A empresa O Seculo.

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

A Flôr de Ouro

Chegou nova remessa da

AGUA FLOR DE OURO

Para tingir e evitar a queda do cabelo



A FLOR DE OURO é a melhor de todas as tinturas progressivas tanto para o cabelo como para a barba, obtendo o «Castanho claro», «Castanho escuro» e «preto». Não mancha a cutis nem suja a roupa; o cabelo conserva-se sempre fino e brilhante como no tempo juvenil. Cura a caspa, evita a queda do cabelo e fortalece as suas raizes. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.

CABELO LOURO

Use a *Flôr de Ouro* franceza que é a unica que pinta os cabelos brancos, ficando como fios de ouro, macio e formoso, como no tempo juvenil. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.

A venda em todas as perfumarias, drogas e farmacias.

Agente para Portugal e colonias.

F. L. Mateus
RUA DO NORTE, 34, 1.º
Cabeleireiro

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA

ROSA D'OURO

COLOSAL SORTIMENTO

Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

| | |
|--------------------------------------|--------------|
| Ações..... | 390.000\$000 |
| Obrigações..... | 323.910\$000 |
| Fundos de reserva e amortisação..... | 290.400\$000 |
| Réis..... | 650.310\$000 |

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:
LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117.

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

CHA

HORNIMAN

EM PACOTES

UM SÉCULO DE EXITO UNIVERSAL



O esforço inglez

Para os que estão habituados a julgar tudo superficialmente, e nunca deixam de julgar, seja qual fôr o assunto, tenham ou não competencia, a cooperação ingleza nas linhas occidentaes era pouco mais que inefficaz. Como os telegramas conservavam o laconismo proprio d'esse sistema de comunicação e da indole britanica, uns inclinavam-se para a ausencia de efftivos, outros para a inatividade e não faltava até quem sorrisse, classificando á franceza, de *blague*, o apregoado auxilio inglez.

Atualmente os mais incredulos por ingenuidade ou por maldade reconhecem o erro e a cegueira. Nunca o exercito inglez esteve inativo, não passou uma só hora depois da declaração de guerra sem que a Inglaterra trabalhasse afanosa e confiadamente pelo triunfo. Não é para alardes aquelle grande povo, não; mas é para

caminhar de continuo, para preparar sem ostentação mas intrepidamente os grandes golpes, para vencer enfim, tão gloriosa e heroicamente como os que não pôdem calar o entusiasmo dos exitos parciaes, mercê do seu temperamento expansivo.

Ultimamente tem sido tão formidavel o fragor das armas anglo-francezas despedaçando as inimigas, que, mesmo sem pregão, ele se ouve em todo o mundo; e já agora não se desvanecerá senão quando o grito da vitoria dos aliados marcar o fim do terrivel desconcerto.

Uma linda quadra popular

Um jornalista que tem a paixão da nossa terra descreve n'uma folha da capital as impressões que a provincia lhe vai sugerindo nas viagens que faz frequentemente. Ha dias, depois de nos falar das maravilhas de Monte Real, perto de Leiria, estação fermal de largo futuro, descreve-nos a praia da Vieira, a poucos quilometros d'ali e diz-nos que é um dos sitios mais pitorescos e encantadores de Portugal.

Poderíamos testemunhal-o pessoalmente se alguém

acusasse o panegirista do exagero que, não raro, nos artistas é apenas uma ampliação da fantasia. Aquele aglomerado de casas de madeira sobre estacas, com escada exterior, a faina curiosa da pesca, luta extenuante contra um mar sempre bravo, que fornece a melhor sardinha do paiz, aqueles homens rudes, simultaneamente pescadores e serradores, as mulheres elegantissimas e esquivas, tudo isso forma um conjunto que nunca mais esquece e de que o escritor dá uma impressão bem nitida e real. O que ele não logrou, porém, se não o facto não lhe teria passado despercebido, foi ouvir os cantos que essas desempenadas raras entoam, longa e melancolicamente, estrada



fôra, quando vão vender sardinha de povo em povo. Logramos nós esse prazer e, para que se registre, de taes cantos destacamos a seguinte quadra, uma das mais caracteristicas e sentidas que conhecemos em trovas populares:

*Não ha mãe como é a minha,
Nem moça como a solteira,
Nem peixe como a sardinha,
Nem terra como a Vieira!*

Entre bastidores

E' rara a excursão de companhia teatral portuguesa ao Brasil que termine a contento de todos os que n'ela se encoorporaram; umas vezes os descontentes são os empresarios, outras — quasi sempre — são os artistas, queixando-se estes, principalmente, do não cumprimento dos contratos.

Agora mesmo alguns artistas, talvez em justos desabafos, vieram á imprensa contar as suas desilusões e apresentar as suas queixas contra as empresas.

Não haveria meio de evitar estas irregularidades e discussões, a que o publico, a final, nunca é indifferente? Pois artistas e empresarios não se conhecem reciprocamente o bastante para que depois não venham alegar ignorancia? Conhecem, certamente. Acautelem-se, pois, prevendo todas as eventualidades e não introduzam nos contratos clausula alguma em que figurem a esperanza, a generosidade, a vaidade e outros elementos igualmente graciosos e imponderaveis.

Exemplo de humildade

A *Crônica* deixa o campo por este ano, reentrando na cidade com grande bagagem de recordações, que, a tão poucos dias, já se vão tornando saudosas, não tanto pela beleza do que se presenciou como pela incerteza de se tornar a presenciar. Por exemplo, o episodio que se segue:

Faleceu na aldeia, onde nos encontravamos, em 30 de setembro, uma pessoa de haveres e a familia resolveu, como de costume em circumstancias semelhantes, distribuir esmolas aos pobres: quatro centavos a cada um, o velho pataco tradicional.

Fez-se a distribuição depois do enterro, á porta do cemiterio, onde os mendigos se acovelavam ansiosos para que os servissem depressa. Um d'elles sujeito menos mal vestido, gritou para o encarregado da esmola:

— Eu cheguei primeiro que todos!

O distribuidor olhou e, reconhecendo-o, disse:

— E que não chegasse. A primeira esmola é para o meu amigo.

Estendeu a mão, com as duas moedas de vintem e o que reclamára adiantou-se, recebeu, tirou o chapéu e disse:

— Obrigado. Seja por alma de quem lá está.

Tambem o reconhecemos. Era o professor de instrução primaria — e pedimos licença para não acrescentar um ponto de exclamação a esta afirmativa, tão simples era a attitude do homem, tão natural pareceu á multidão e tão logico se nos afigurou o acto, depois de uns segundos de reflexão.

Acacio de Paiva.

(Illustrações de STUART CARVALHAES).





AUTOBIOGRAFIA D'UM JANOTA

Paris, Setembro de 1916.

E um horror a gente pintar-se! E porque se pinta a gente? Para corrigir os avanços inopinados da idade, como no verão se adiantam as horas para corrigir o avanço do Sol na noite eterna do Espaço. Ora, eu não direi que conheci, como toda a gente, um amigo que se pintava, porque, como toda a gente, me pinteí ao despontar dos meus 40 anos — já distantes. Ser joven e de cabeleira branca, que encanto e que delicia! Mas ter apenas 40 anos e cabelo e barbas sal e pimenta... que horror! Como a linda Helena, o homem que envelhece precocemente — e todos os homens envelhecem precocemente aos 40 anos — deixa de assomarse ao espelho, para horrorisar-se diante das cans horribéis ou... recorre á pintura, para as suprimir, em publico e raso. Qual é, afinal, a intenção do homem que se pinta? Agradar aos outros ou... ás outras? Não. E' simplesmente deixar de desagradar a si proprio. Eu usei a «agua circassiana», que pinta os cabelos d'amarelo; o «Royal Windsor», que os torna de furta-côres, — como taboleta de drogista — e os inumeros preparados dos boticarios dos dois hemisferios que restituem a côr primitiva aos cabelos, — dando-lhes côr diferente. E o que eu sofri, santo Deus!

A palavra «pintura», pronunciada por qualquer amigo, fazia-me córar envergonhado,



como uma donzela das Arábias ao ouvir conjujar o verbo *amar*. Muitas vezes, exibindo a minha pessoa airosa, nas grandes arterias da cidade, em dias de sol rutilante, notei que os meus companheiros de *trottoir* me olhavam em demasia; e perguntei a mim mesmo, porquê. A pintura dos meus cabelos ex-grisalhos eriçava-se com os cabelos, preza d'um remorso inexplicavel.

E, ás vezes, aos meus ouvidos, atemorizados, chegavam estas palavras de ataque e de chasco:

— «Aquele pandego pinta-se». Os amigos da minha idade perguntavam-me amiude:

— «Que idade tem v. ?» E acrescentavam logo, olhando-me para a gaforina lusidia como uma bota de polimento bem brunida:

— «Eu tenho 40 anos; e estou branco como um urso dos polos».



Uma vez, na igreja, onde fui assistir aos responsos por alma de um outro amigo que se pintava, dizia-me um velhote brejeiro, de cabeleira alva como a calva do Antonio Calado:

— «Aquele não morreu, matou-se: bezuntava a cabeça com pinturas extraídas do chumbo. O chumbo entrou-lhe nos miolos... e

fez bem».

Recentemente ainda — porque ha apenas dez anos que deixei de pintar-me — uma senhora franceza, a quem eu fazia uma côrte... discreta, mandou-me o seguinte bilhete... de despedida:

— «Mon pauvre vieux, pourquoi te teins tu les cheveux? Tu joues au jeune? Va te soigner, mon vieux»...

E, apesar de me dizerem os alfarrabios que todos os grandes homens de 40 anos se pintaram, desde o conde de S. Januariario a...

Napoleão III — que tinha cabelo e bigode de azeviche... natural — eu comecei a ter horror a quem se pinta, porque, pintando-me, cheguei a fugir... de mim proprio.

Parece que toda a gente que comigo convivia se comprazia em falar-me de pintura como de corda em casa d'enforcado.

Um antigo diplomata medico, dizia-me, referindo-se a outro... desgraçado que tingia os cabelos brancos de preto lúsidio:

— «Tem um *facies* ridiculo e diabolico. Nem parece uma taboleta de droguista: assemelha-se a um droguista com a taboleta á cabeça». E, quando a conversa amavel descambava em coisas alegres e eu ria como um perdido, ele, que era da minha idade, dizia-me, d'olhos velhacos fitos na minha marrafa assetinada e brilhante:

— «O que é a gente ser joven, meu caro!» E acrescentava logo, malicioso:

— «Quando eu tinha a sua idade...» Enquanto eu me expunha, assim, á critica mordaz dos amigos e das... outras pessoas, os

meus cabelos brancos de neve protestavam contra a camada de *pigmentina* em que eu os envolvia; e, da raiz da sua alma, mostravam á luz do dia uns milímetros d'uma alvura imaculada que levava toda a gente a falar-me com os olhos nos meus cabelos bicolores.

As historietas picarescas de velhotes libertinos, que tingiam os tubos capilares, eram-me reservadas, como se guarda para um criminoso, em guisa de correção, a historia horriavel de crimes eguaes aos seus. Um colega, que me quiz ser desagradavel, escreveu um dia a meu respeito, em polemica... amavel, n'um jornal de provincia:

— «Muito desejaria discutir com a sua pessoa illustre: mas.. desconheço-a. Remoçou demais para merecer a minha replica d'ancião».

Um outro encontrou esta diatribe feroz:

— «Para que se pinta ele, afinal?» E respondeu, para me não fazer zangar... demaziadamente:

— «Pinta-se para... ministro... com pasta»...

Amigos meus de 40 anos: Edificae-vos n'estes ensinamentos d'um homem *peludo*, que quiz corrigir e emendar os efeitos do tempo sobre o seu *canastro* avariado e... — eu vos suplico — evitae os dissabôres d'uma transformação artificial que provoca as iras, as invejas e o escarneo de moços e velhos.

— Deixae-vos gastar pela ação dos anos, sem protesto e sem... azedume. A pintura não nos rejuvenesce. Torna-nos precocemente velhos — moços; e põe em destaque a curva do busto, as rugas da face e o olhar mortico.

O cabelo café-com-leite só desagrada a quem começa a... detestal-o diariamente, nas dolorosas manhãs do outono da existencia, em que nos inclinamos ao espelho, para fazer a barba. O cabelo é uma certidão de idade. Não a devemos... falsificar.

Olhem o kaiser, que tinha o cabelo todo castanho e que o *deixou* embranquecer, depois da guerra. Envelheceu de desgosto? Não, porque ele é,

como sabem, um desalmado e um empedernido. Deixou de o pintar...

Os grandes homens da Historia envelheceram rapidamente, na guerra ou no leito da morte. Porquê? Porque nem n'um nem n'outro logar é facil, — e... higienico, — colorir a barba e os pêlos da cabeça. Deixae-vos, pois, envelhecer... naturalmente. Vivereis assim muito mais, porque tereis evitado os dissabôres que, em dez anos de pintura, tornaram os meus cabelos de martir da... formosura, brancos como o manto do Papa.

O Dr. Fausto preferiu vender a alma ao diabo a pintar-se.

E ele lá sabia porquê...

João Alegre.



Auto-foto de João Alegre



PORTUGAL NA GUERRA

A nossa preparação para irmos em breve tomar o posto que nos pertence na linha de batalha em França ativa-se de uma maneira que muito honra a organização dos nossos serviços militares e os brios de quantos são chamados a enfileirar-se ao lado dos que vão partir. Não podia ser mais digno das nossas tradições de tantos séculos e da nossa qualidade de aliada do primeiro império do mundo, o aspeto que em todo paiz o movimento das nossas tropas está oferecendo á missão militar anglo-franceza que se encontra entre nós.

Tem esse grupo de officiaes,



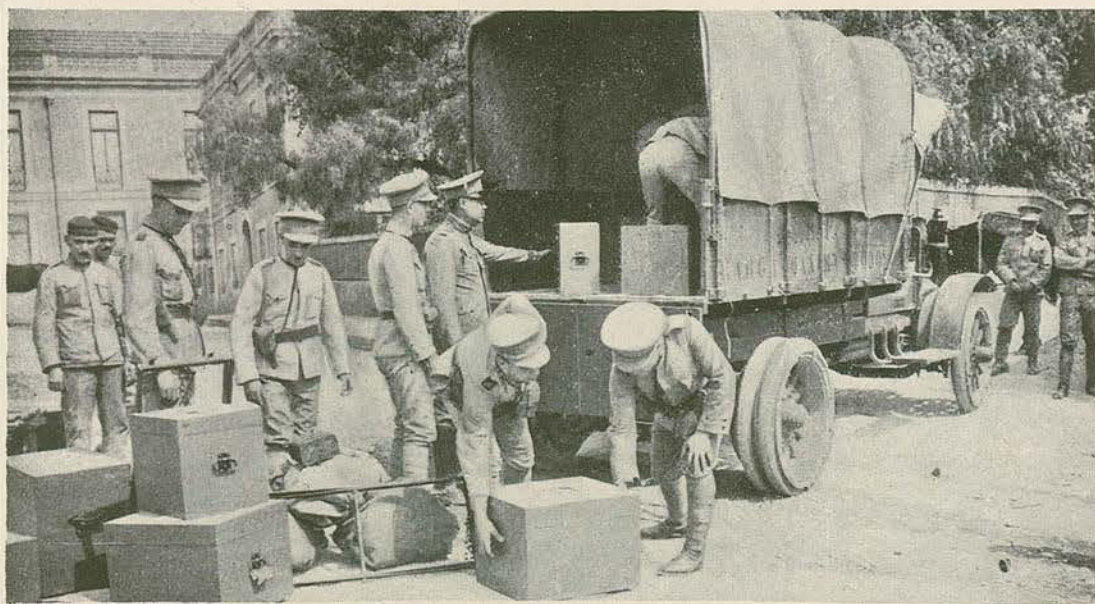
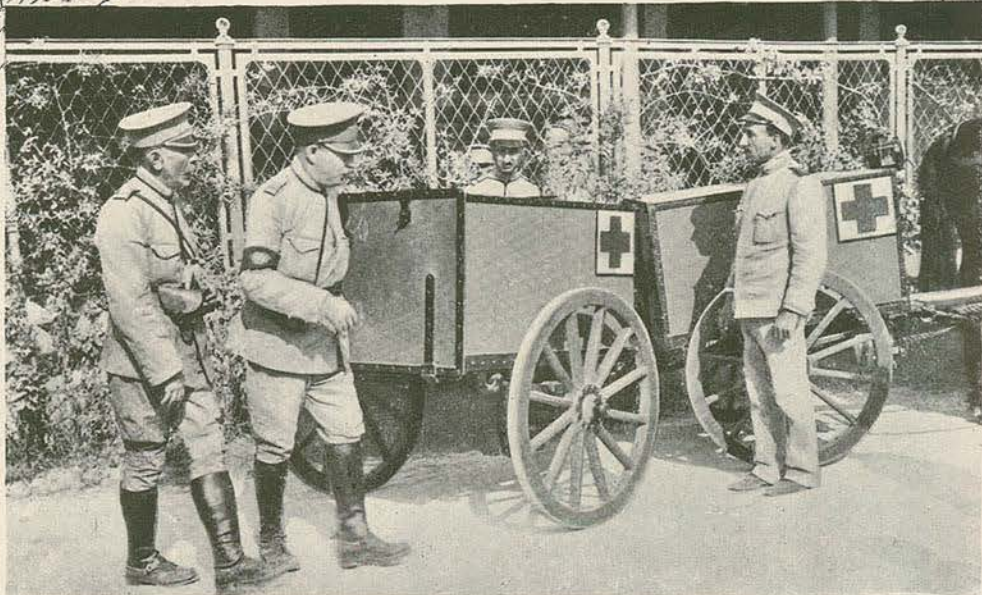
tão distintos pelo seu saber tecnico como pela sua experiencia nas linhas de fogo, prestado á nossa mobilização visivelmente um particular interesse, e não se tem notado até hoje, da sua parte, o mais pequeno reflexo que não seja de se sentirem bem no nosso meio e de verem que a nossa entrada, de facto, no conflito será devidamente apreciada por aqueles ao lado de quem vamos combater.

E, realmente, tambem



estamos convencidos de que assim acontecerá. A coragem e a valentia, nunca desmentidas, do nosso soldado, o arrojo e o espirito disciplinador dos nossos officiaes, a devoção civica e o patriotismo de todos eles, serão sempre elementos de peso, seja onde for e ao lado de quem for que combatamos.

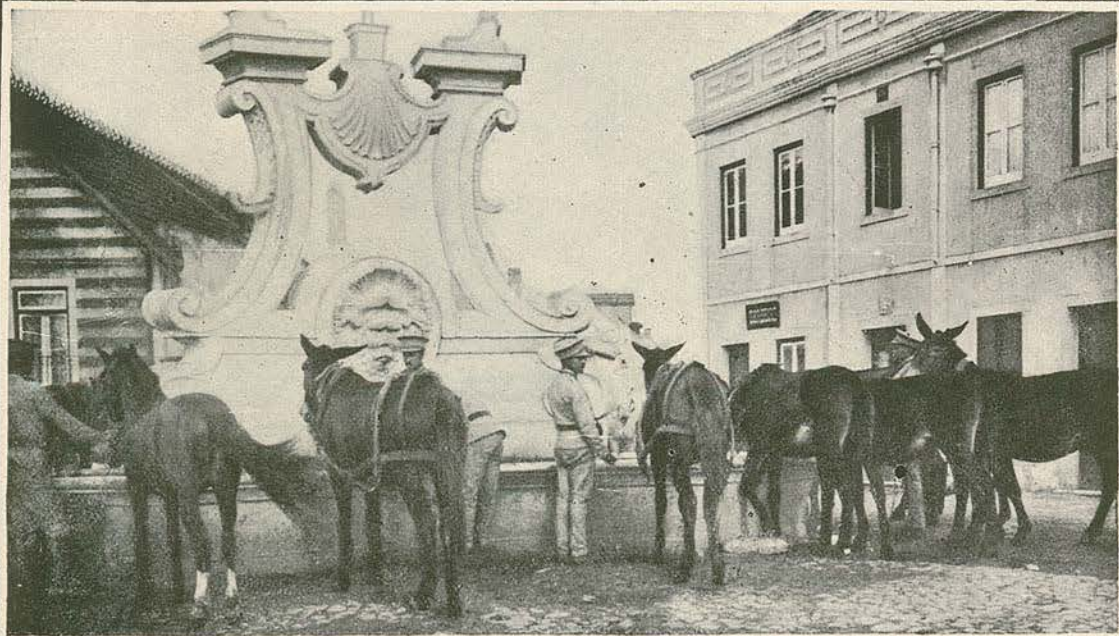
E' por isso que Portugal ha de ver partirem os seus soldados, cheio de confiança no seu valor e na sua lealdade, cheio de esperança na parte gloriosa que eles terão na vitoria.



1. O chefe do serviço do estado maior, tenente-coronel sr. Sinel de Cordes, o chefe dos serviços medicos, tenente-coronel sr. dr. Salgueiro, examinando um carro sanitario—2. *Bivague de artilharia 1.*—O major comandante conversando com os seus officiaes—3. Distribuição de ração para o gado—4. *Nas Necessidades.*—Antes da partida do quartel general. A colocação das caixas com o arquivo n'um camion.—(Clithés Benollel).

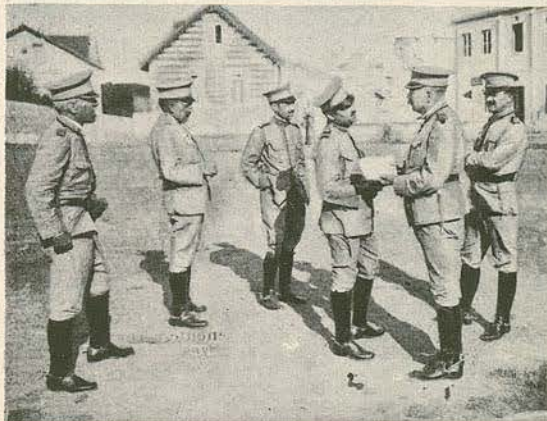


O general comandante da 1.^a divisão, sr. Pereira d'Eça, com o chefe do estado maior, tenente-coronel sr. Sinel Cordes, seguidos dos seus ajudantes, capitão sr. Batista e tenente sr. Menêzes.



No chafariz de Queluz.—Uma data d'água a gaço pertencente a engenharia.

(Clichés Benollet).



O major medico, sr. dr. Carlos Lopes, comandante da ambulancia n.º 1, acompanhado por outros medicos, regressa dos exercicios—2. NO LARGO DE BELAS: 1. o tenente-coronel sr. Natividade Pinto, chefe dos servicos administrativos, falando com o tenente sr. Edgar (2) sob materia de servico—3. NO GACHEM: (1) O chefe do estado maior da direcção da «chapa», capitão sr. Santos Correia, ao receber uma communicação e o capitão da administração militar, (2) sr. Linhares de Lima, dando ordens—4. NA AGUALVA (junto ao palacio Alarcão)—Camions «Kelly» pertencentes ao comboio automovel

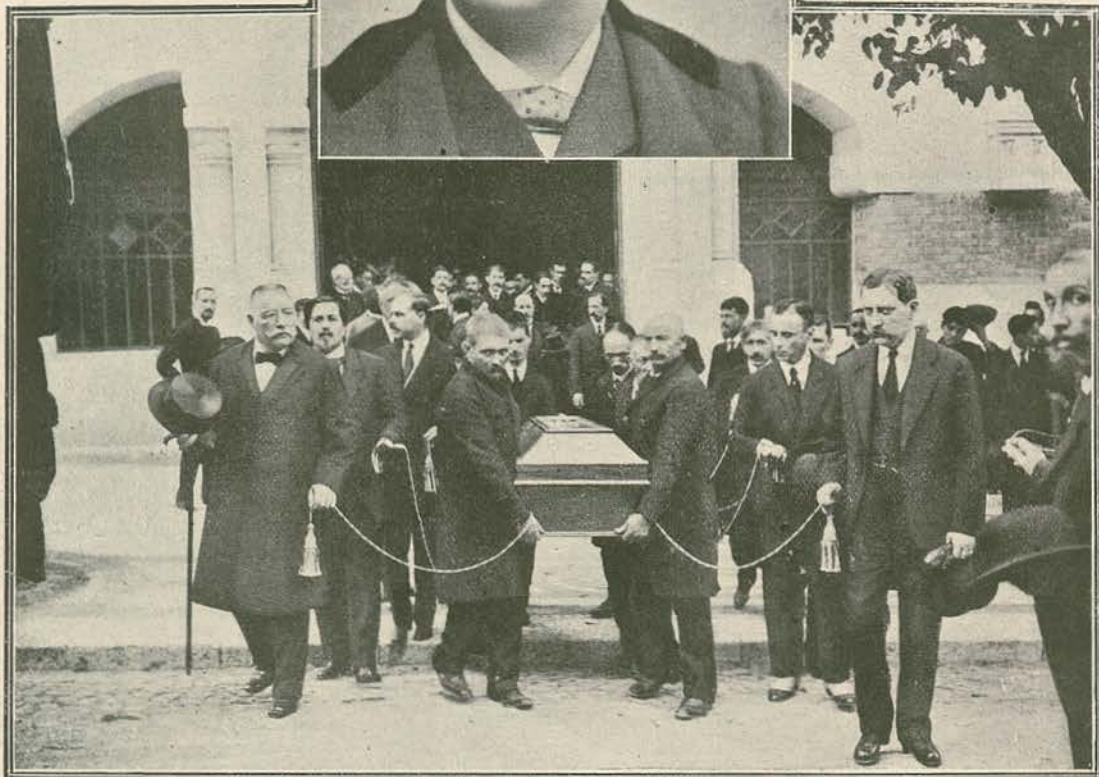
(«Clichés Benoliel»)

O GRANDE PINTOR RAMALHO

A morte fulminou-o em plena atividade, entregue á sua divina arte de que ele fizera um verdadeiro culto e em que a sua poderosa individualidade se tornára primacial. Ramalho, o nosso grande pintor, tão grande pelo seu talento como pelo seu caráter, morreu, aos 57 anos, estando a pintar com o



genio privilegiado e inquebrantável atividade. Quadro de genero, composição historica, natureza morta, retrato, decoração, aguarela, tudo ele cultivou com indistinta e assombrosa perfeição. Entre nós não ha, museu ou sala, em que a arte nacional tenha um lugar de honra que não se encontre um quadro de Ramalho. E quantas horas nos quedamos embevecidos na magia do seu pincel, perante as decora-



1. O pintor Ramalho.—2. O feretro saindo da Sociedade Nacional de Belas Artes

o mesmo amor, o mesmo enlevo, o mesmo vigor de 20 anos antes. Encontrava-se decorando o palacio do sr. Joaquim Soto Maior, na Figueira, o importante capitalista e apaixonado colecionador de obras d'arte, em cujo gosto, criterio e generosidade os pintores portugueses encontraram um novo Mecenas.

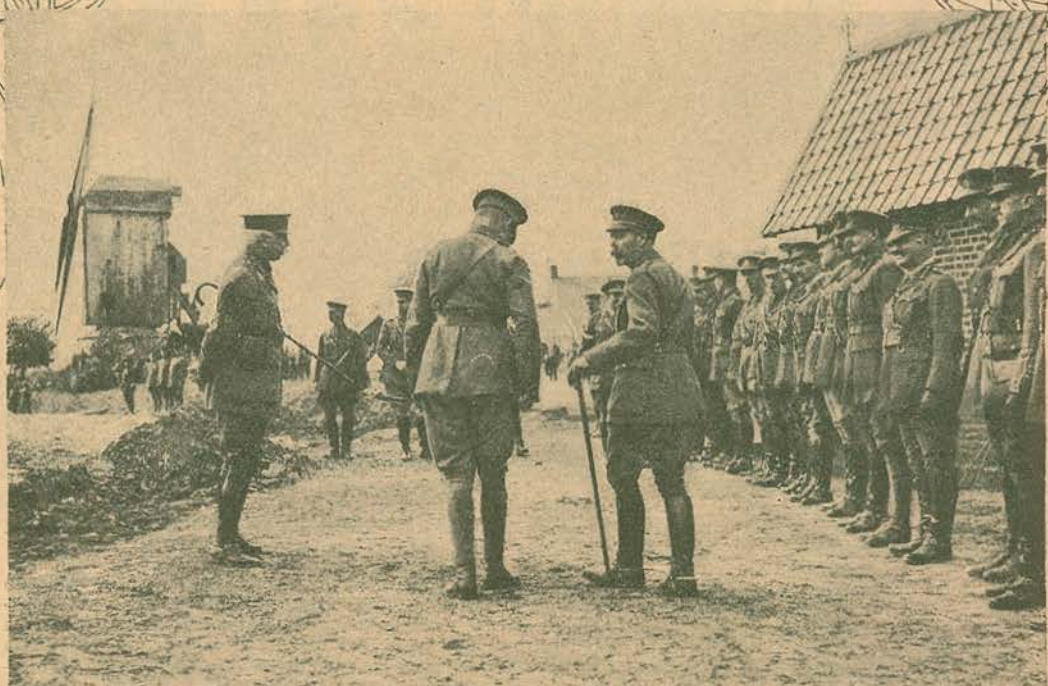
Antonio Ramalho deixou uma larga obra, bastante disseminada para que, por quasi todo o paiz, se possa apreciar o seu



Aspetto da camara ardente (Clichés Benoljel).

ções da Bolsa do Porto, do Teatro de Evora, do Grande Hotel do Bussaco, da Cervejaria Jansen, da Escola Medica de Lisboa, etc., não devendo esquecer o pano de boca do Teatro Nacional, de tão deliciosa concepção e finissimo lavor. O cadaver de Ramalho veiu para Lisboa, sendo o seu funeral uma comovente homenagem de admiração e saudade, e ficando os restos do insigne artista a repousar no jazigo do sr. Soto Maior, no cemiterio dos Prazeres.

O VELHO MUNDO EM GUERRA



O rei de Inglaterra, Jorge V, visitando um campo de forças canadanas, em França, na frente inglesa

Mais uma brilhante vitória alcançaram as tropas inglesas e francesas sobre os alemães. O dia 25 do mez passado na linha ocidental ficou assinalado por uma das mais estrondosas derrotas dos alemães. Combles, Guendecourt e todas as colinas que dominam o vale de Bapaume foram tomadas com grandes perdas de homens e de material da parte do inimigo, que é o primeiro a confessar o seu desastre. Eram posições cuidadosamente fortificadas onde ele se tinha solidamente entrincheirado com o melhor da sua artilharia.

E o avanço continua com firmeza ao norte do Somme, tendo os francezes tomado novas posições desde Bouchavesnes até ao sul do bosque Labé, e alar-

gando-se também consideravelmente para leste e norte de Rancourt.



Um hospital flutuante.—As enfermeiras aguardando a chegada de doentes

O mesmo acontece ao avanço dos ingleses que ao norte de Flers tomaram muitas trincheiras e outras magníficas posições a nordeste de Thiepval, elevando-se o numero de prisioneiros dos ultimos dias a dez mil, além de mortos, de diversas armas apreendidas e aviões derrubados.

Não pode restar duvida de que em nenhum dos pontos da linha ocidental os alemães nem já se aguentam em defensiva. O recuo é em toda a

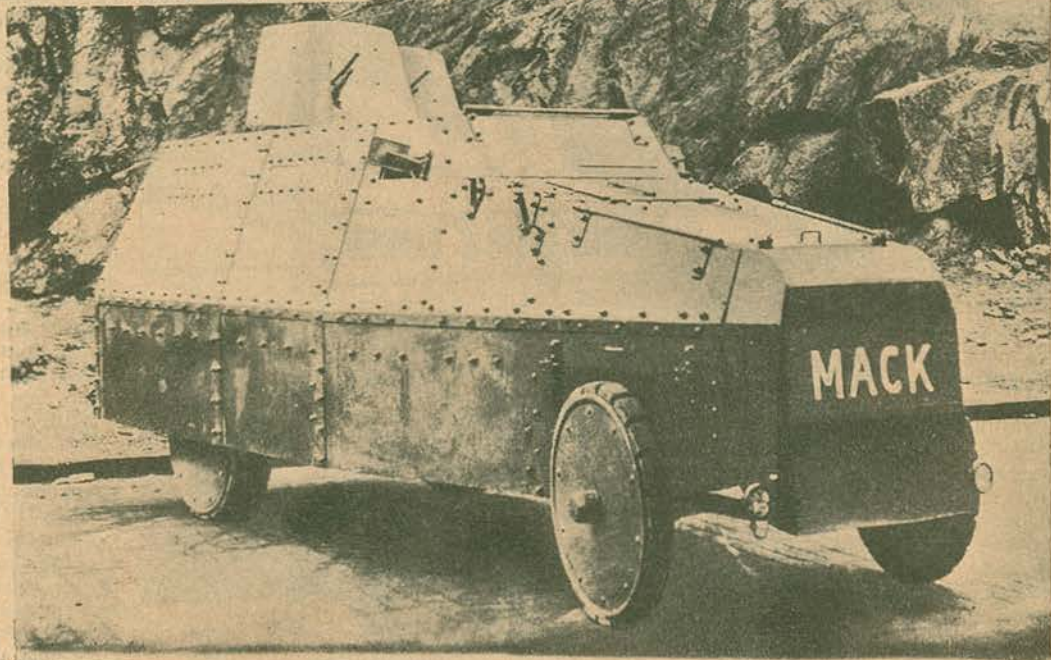
linha. Não lhes fraquejam só os braços; o material de guerra apreendido é cada vez de peor qualidade.

ARTILHARIA DOS ALIADOS



No Somme.—Os envólucros dos obuzes que ficaram nos campos de batalha, depois da grande ofensiva.—(Cliché Branger).

E' incalculavel a quantidade de tiros que os aliados tem feito só no Somme contra os alemães. E nunca se lhes esgotam as granadas! Quanto mais se vomitam sobre o inimigo, mais aparecem. E' uma atividade inacreditavel de produção. Para se fazer uma idéa basta olhar para o enorme monte de envólucros vazio representados n'esta fotografia. São os que serviram apenas em volta de um ponto da linha, onde o bombardeio foi mais rijo e prolongado. Calcule-se o que não irá d'eles por tantos quilômetros de extensão!



2. Um aeroplano em reconhecimento na zona Inglesa.—3. Novo automovel blindado munido de muitas metralhadoras, construído na America para os aliados.—(Cliché Branger).

A REVOLUÇÃO NA GRECIA



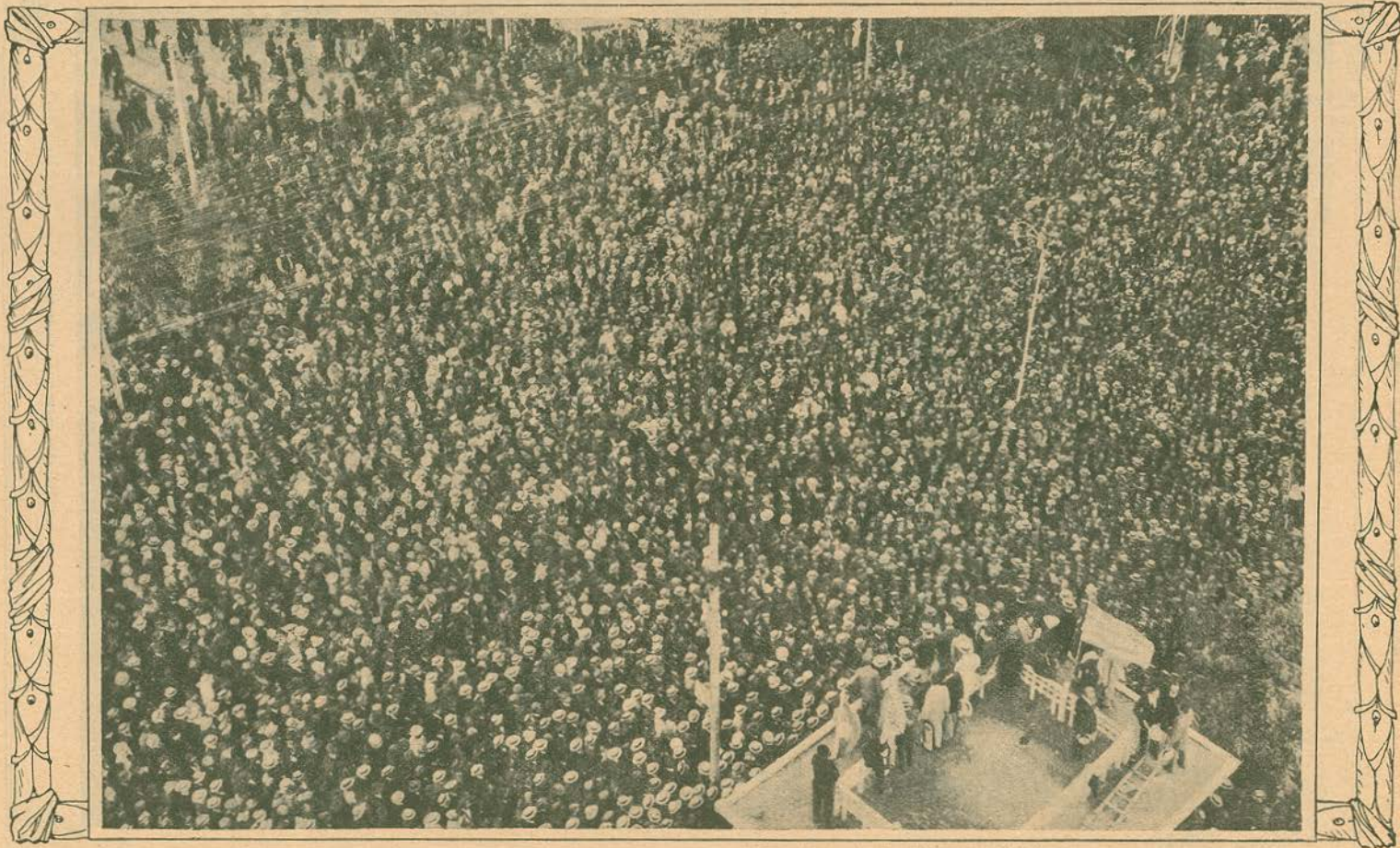
Movimento revolucionario em Salonica.—O desfilar dos revolucionarios

O movimento revolucionario da Grecia está na sua fase aguda. Ou o novo governo intervem na guerra a favor dos aliados, expulsando os bulgaros, ou é inevitavel a sua queda e a deposição do rei Constantino. Não ha outra solução. Todos os dias chegam a Salonica novos contingentes de revolucionarios, aclamando o nome de Venizelos. Afirma-se mesmo que este estadista se porá á frente de 30:000 revolucionarios em Creta.

Os manifestos concitando o povo a defender a honra da patria distribuem-se aos milhares por toda a Grecia. O *comité* da defeza nacional instalado em Salonica desenvolve uma atividade extraordinaria. Muitos officiaes dos mais fieis ao rei resignam os seus cargos, fazendo-lhe sentir que, realmente, a unica salvação da Grecia n'este momento critico é fazer causa com os aliados. Mas o rei Constantino e o seu governo não saem de tão deploravel indecisão!



As manifestações na Avenida Venizelos



Uma multidão de trinta mil macedônios reclama que o governo grego proteja o seu país contra a invasão búlgara

SANS PEUR ET SANS PITIÉ



O portuguez Dias de Sousa, que se bate na légio estrangeira

«Sem medo e sem compaixão», tal a divisa d'essa briosa légio estrangeira que na linha occidental se bate heroicamente desde o principio, sendo já longo o tributo de vidas que tem pago á causa da liberdade e da justiça dos povos. Morrem uns, mas logo surgem outros. Mal ha tempo para se notarem falhas n'esta falange aguerrida e indomavel, que tem o cunho lendario e simpatico das velhas alas de cavaleiros que deixaram a sua passagem assinalada pelo campo de temerosas lutas, quer invocando o nome da patria quer da mulher que a cada um d'eles enchia o coração.

«Sem medo» contra o embate das massas compactas que contra eles se lançam com uma ferocidade de verdadeiros barbaros e com a obsessão de dominar tudo, de tudo recalcar sob a sua pata infame; e «sem compaixão» para com aqueles que uma emulação cheia de odios, uma cubiça insaciavel, uma crueldade que excede a dos tempos de maior barbarie, arrancaram da sua casa, já a trasbordar de toda a casta de instrumentos e engenhos de morte e de destruição, para trazerem a desordem e o terror ao mundo inteiro, para subverterem estupidamente a obra abençoada de uma paz de tantos anos, para deshonorarem a especie humana, com a perpetração dos crimes mais atrozes de que reza a historia! Sim; «sem medo e sem compaixão!» Assim é que deve ser!

E, por este caminho, como não havia todo o mundo por acabar de se insurgir contra a avalanche barbara, contra o perigo teutonico, que irrompeu do centro da Europa, mais nefasto, mais temivel que todos os outros perigos, previstos, seja d'onde fôr?

O grupo que reproduzimos da légio estrangeira, em França, enviado gentilmente á *Ilustração Portuguesa* por um valente portuguez, o si.



Um grupo da légio estrangeira.— Da esquerda para a direita, 1.º plano, sentados: Romenia, Goldenberg; Holanda, de Witt; Egipto, Fadallah; Luxemburgo, Huberty; Dinamarca, Larsen; França, Marquet; Russia, Schwetsoff. No 2.º plano de joelhos: Portugal, Dias de Beja; Canadá, Renaud; Suissa, Amyot; Grecia, Xirakis; Hespanha, Perez; Polonia, Gruber; Tchegue, Rathaussy; Japão, Sawata. No 3.º plano, em pé: Italia, Aurell; Senegal, Floridor; Syrio. Adm: Nova Caledonia, Schmidt; Belgica, du Triult; Inglaterra, Campbell; Suecia, Sjostrand; Transvaal, Bolsing; Brazil, Jorge Hayem.

Dias de Sousa, que tambem d'ela faz brilhante parte, grupo em que cada individuo representa um povo, dá-nos uma impressão tocante do que vae sendo por todo o mundo o movimento de repulsão e de hostilidade contra a insolente e louca arrancada dos imperios centraes. E' indispensavel abater-lhes a soberba, soffrear-lhes a ambição, reduzil-os ao extremo de nunca mais poderem sair das suas fronteiras a recalcar o territorio dos visinhos, quanto mais provocarem o mundo inteiro.

Homenagem a Candido dos Reis e ao dr. Miguel Bombarda

Promovido pelos centros republicanos Miguel Bombarda e Candido dos Reis, realizou-se um grandioso cortejo em homenagem á memoria dos dois grandes caudilhos da democracia portugueza, patronos d'aquellas instituições. Essa prova de admiração e respeito pelos illustres mortos fez movimentar Lisboa, cujos habitantes enchiam as ruas de transito que a sentida manifestação seguiu, desde o Terreiro do Paço até ao cemiterio do Alto de S. João, onde repousam os restos dos dois valorosos portuguezes, cujos tumulos estavam cobertos de flôres que mãos piedosas n'eles desfolharam.



Candido dos Reis



Dr. Miguel Bombarda

No cortejo encorporaram-se muitas associações e individualidades fazendo também representar o governo.

A beira das sepulturas pronunciaram sentidos discursos, pondo em relevo as virtudes civicas dos incitos cidadãos que all descansam, os srs. dr. Estevão de Vasconcelos, Mousinho de Albuquerque, ministro do interior, Leote do Rego, comandante da divisão naval, Levy Marques da Costa, presidente da camara municipal; Agostinho Fortes, Simões Raposo, Domingos Cruz, deputados; Augusto José Vieira, dr. Felix Horta e muitos outros.



Um aspecto do cortejo á passagem na praça dos Restauradores.—(Cliché Benoliel)



Excursão á Portela do Homem.—Foi simplesmente imponente a excursão que o sr. Antonio José d'Almeida, presidente do ministerio + acompanhado de sua esposa, pessoas de familia e de um grupo de verdadeiros amigos, fez á Portela do Homem. Percorridos os seis quilometros que distam do Gerez a Albergaria, acamparam todos nas margens do Homem, sob os copados medrnhellos, onde almoçaram deliciando a vista com a estranha paisagem e exuberante vegetação que lhes lam em volta.

No Gerez.
—Ha muito tempo que o Gerez não tem um verão tão animado como o d'este ano. Não foi só a estada ali do sr. dr. Antonio José d'Almeida e de sua familia, bem como a visita mais ou menos demorada dos seus amigos, que lhe trouxeram essa animação. O Gerez deve-lh'a em grande parte, mas deve-a sobre tudo ao seu belo ar, ás suas aguas de primei-



ra ordem, ao extranho pitoresco da sua paisagem, á soberba da sua vegetação e aos seus pontos de vista admiraveis, que atraem cada vez mais os que uma vez por ano reconhecem a imperiosa necessidade de refazer as forças em plena natureza, cheia de quantos tónicos e depurativos misteriosos eia tem para nos restituir a saude do corpo e da alma.

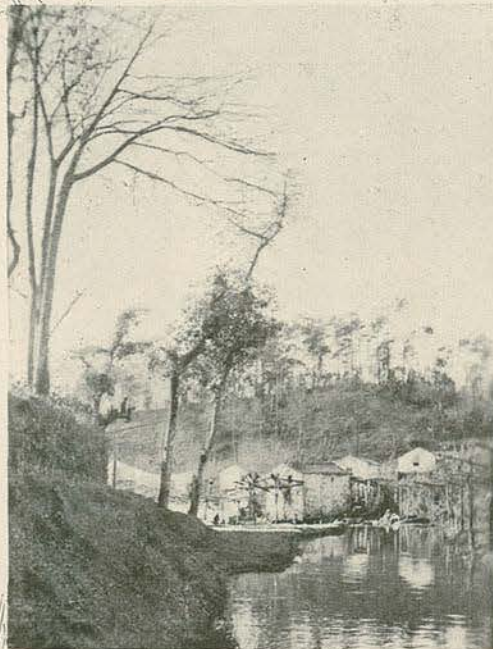
Grupo seieto no Gerez: Da esquerda para a direita, sentadas, as sr.^{as} D. Ester Gouveia, D. Laura Paiva e D. Berta Oliveira; em pé as sr.^{as} D. Maria Isabel A. Souza, sobrinha do sr. dr. Antonio José d'Al-

meida, D. Rosete Moraes, prima do sr. dr. Antonio José d'Almeida, D. Jeronima Dantas Machado e D. Alzira Dantas Machado, filhas do sr. presidente da Republica, dr. Bernardino Machado.

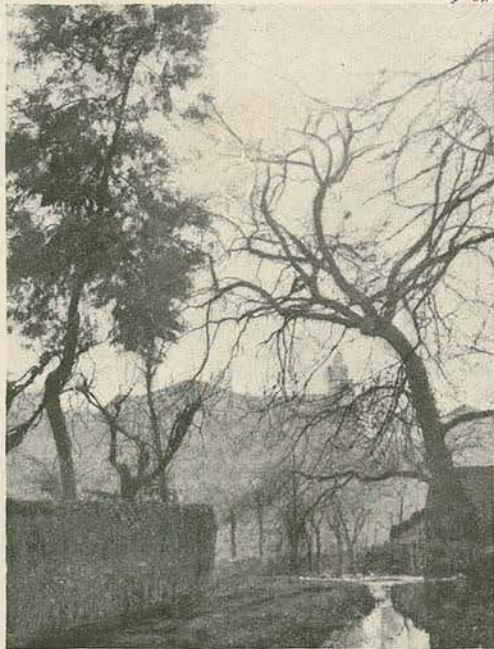
D. Beimira Diniz Vieira da Fonseca.—Faleceu em Niza aos 32 anos de idade e um de casada, ao ser mãe. Era filha do illustre tesoureiro de finanças, sr. dr. Augusto Vieira, e esposa do sr. José Vieira da Fonseca, proprietario e ajudante de finanças. Os seus dotes de espirito e de coração tinham-lhe creado geral simpatia e respeito em Niza, e por isso se compreende a tristeza que o seu falecimento causou em toda a vila.



D. Laura da Conceição Reis.—Pertencia a uma das familias mais consideradas de Lisboa e conhecidas no nosso meio industrial. Faleceu aos 30 anos, cheia de esperanca n'uma grande e sonhada felicidade. Era muito premdada, afavel e de uma bondade encantadora. A sua morte prematura não cobriu de luto só a sua familia; feriu tambem profundamente quantos a estimavam de veras.



Porto.—Rio Tinto



Rio Tinto—Ao fundo a igreja do mesmo nome

Clichés do distinto fotografo portuense, sr. Antonio Magalhães, de quem a *Ilustração Portuguesa* publicou dois clichés no seu numero 533, na pagina *Portugal Pitoresco*, attribuidos por equivoco ao nosso colaborador sr. João de Magalhães Junior, de quem na mesma pagina velu tambem um cliché).

Campeonatos de "law-tennis" em Portugal

Nos «cours» do Sporting Club de Cascaes realizaram-se com grande luzimento e entusiasmo as provas do campeonato de «law-tennis» em Portugal.

Não houve um só «match» que, pelo seu interesse, não tivesse despertado aplausos á assistência, que era seleta e numerosa..

Todos os jogadores se houveram com distincção e gallardia notaveis, tendo-se revelado, ao lado de verdadeiras competencias, esperançosos cultores d'aquelle genero sportivo.

Eis a nota dos vencedores:

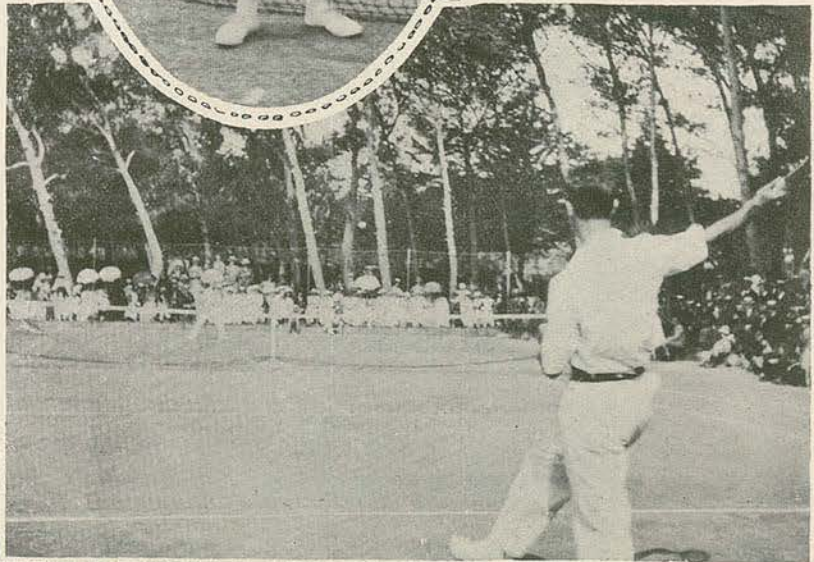
Em «Ladies rengles» 1.º premio — Taça oferecida pelo Norte de Portugal, de que era detentora a sr.ª D. Maria da Luz d'Orey, e um lindo «cache pô» em prata, D. Vitoria Davidson Perestrelo de Vasconcelos; 2.º, um relógio de mesa em prata, «miss» Phylimore.

Em «Ladies-doubles»: 1.º premio — Jarras em prata, «miss» Murphey e «miss» Brezant; 2.º, molduras em prata, D.



Luiza Maria Salema de Avilez e D. Vitoria Davidson Perestrelo de Vasconcelos.

Em «mexed-boubles»: 1.º premio — Taça oferecida por Mrs. Helly-Aid, «miss» N. Durlacher, «miss» M. Robb, Mr. G. Hellegard, Mr. H. P. Mahony, Mr. Cazalet e Mr. A. Durbacher, de que eram detentores «miss» Murphey e D. João da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca); uma rica moldura em prata e uma salva em prata lavrada, D. Vitoria Perestrelo e D. José Mairós; 2.º premio, molduras em prata e salva tambem

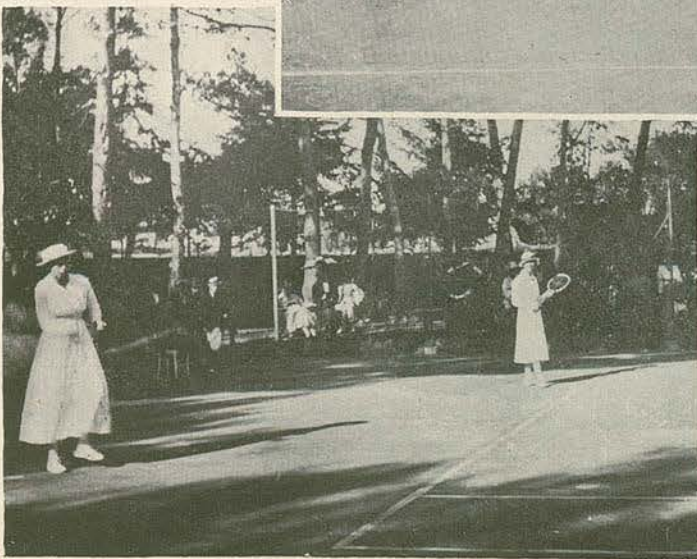


1. D. Vitoria Davidson Perestrelo de Vasconcelos
2. Um aspeto da festa

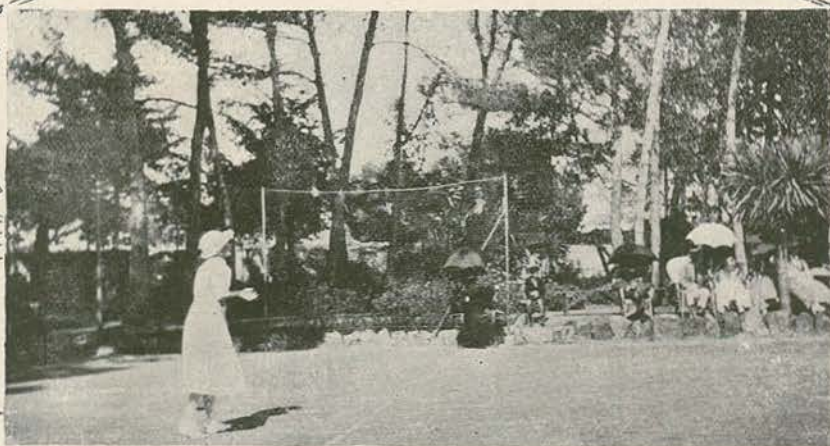
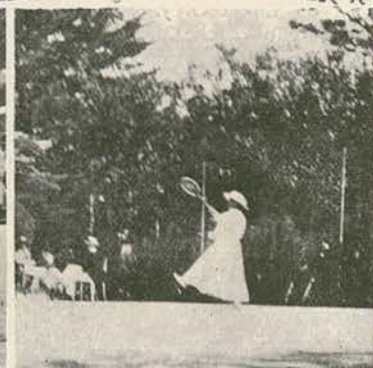
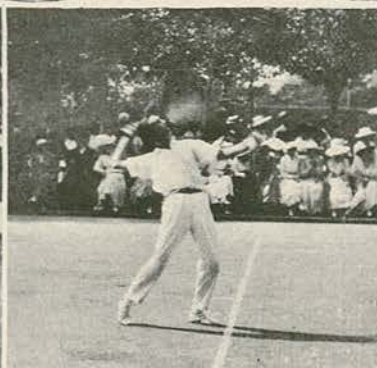
lavrada, «miss» Murphey e P. A. Taylor.

Em «men's singles»: 1.º premio — Taça oferecida pela ex-rainha D. Amelia, de que era detentor D. João de Castro de Sousa de Macedo (Vila Franca), e um riquissimo «cache pô» em prata, D. José Mairós Alonso; 2.º premio, uma artistica taça de prata, Conde de Gomar.

Em «men's doubles»: 1.º premio — Taça oferecida pelo sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto, e artisticos pratos em prata, conde de Gomar e D. José Maria Alonso; 2.º premio, cigarreiras em prata, D. José Mairós e Ernesto Reyder.



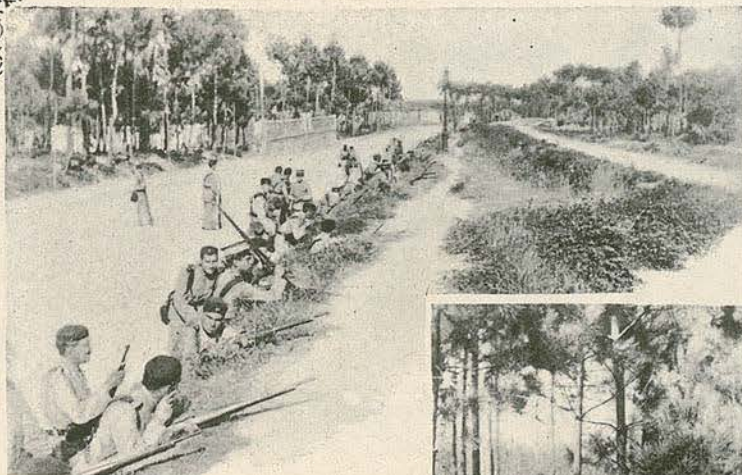
Outro aspeto da festa



1. sr.^a D. Josefina Burnay Rugeroni.—2. Senhoras que assistiram aos jogos.—3. 4. 5. e 6. Diversas fases do jogo.

(Clichés do distinto amator sr. Pons).

Escola de officiaes milicianos do Porto



Exercício de combate no Pinhal do Rial (Vilarinha). Tomando posição na estrada da circunvalação

N'esta hora em que as virtudes guerreiras do povo portuguez começam despertando, adormecidas como estavam por uma longa era de paz, nem por isso se tem falado muito das escolas de officiaes milicianos. Todavia, a obra já realisada é verdadeiramente admiravel. Mais de 500 officiaes frequentavam com aproveitamento as duas

conhecidos inteiramente os resultados á hora em que se escreve esta noticia, deve fornecer ao exercito 250 a 300 officiaes.

A *Ilustração Portugueza* publicou já algumas fotografias relativas á escola de officiaes milicianos de Lisboa, acompanhando essas fotografias de algumas palavras de justo encomio e encarecimento do esforço dispendido e resultados obtidos. O que se conseguiu em Lisboa tem-se conseguido



Exercício de combate no Pinhal de Rial (Vilarinha). Execução de um lance dirigido pelo tenente instrutor sr. Barroso

no Porto. Sômente, o diretor e instrutores da escola d'esta cidade, não tendo á sua disposição os elementos de ensino e de transporte que são facilitados á de Lisboa, tem de suprir por um maior esforço as faltas e deficiencias de cada dia. A escola tem funcionado no quartel de infantaria 6. O sr. ministro da guerra, na sua ultima visita ao norte, exprimiu a vontade de que á proxima turma se ministrasse a instrução em Espinho, instalando-se os alunos nos aquartelamentos da Carreira de Tiro.

Na escola do Porto ha diariamente 4 tempos de instrução, sendo cada tempo de 2 horas. Isso representa para os alunos, que tem ainda de se preparar para os estudos theoreticos, um trabalho superior a 10 horas por dia. Todos, porém, tem suportado com alegria o pesado fardo, e todos se preparam consciente e corajosamente para cumprirem a missão que a Patria lhes impoe.



O capitão sr. Fino, o tenente sr. Barroso e os alunos comandantes do 1.º pelotão e patrulhas de combate, dirigindo a execução de um lance de avanço no combate da Vilarinha. Saindo da posição da estrada da circunvalação

primeiras turmas, estando os da primeira turma em serviço nos quartéis desde agosto. A turma que acabou a instrução no meado d'este mez, embora ainda não sejam



Grupo de alunos da E. P. O. M., do Porto, descansando depois do exercicio de combate no Pinhal do Rial (Vilarinha) (Clichés do sr. Alfredo Pereira).

FESTA SPORTIVA NA AMADORA



Um grupo de senhoras e meninas esperando a vez de entrar nas provas



Corrida negativa de bicicletas por senhoras



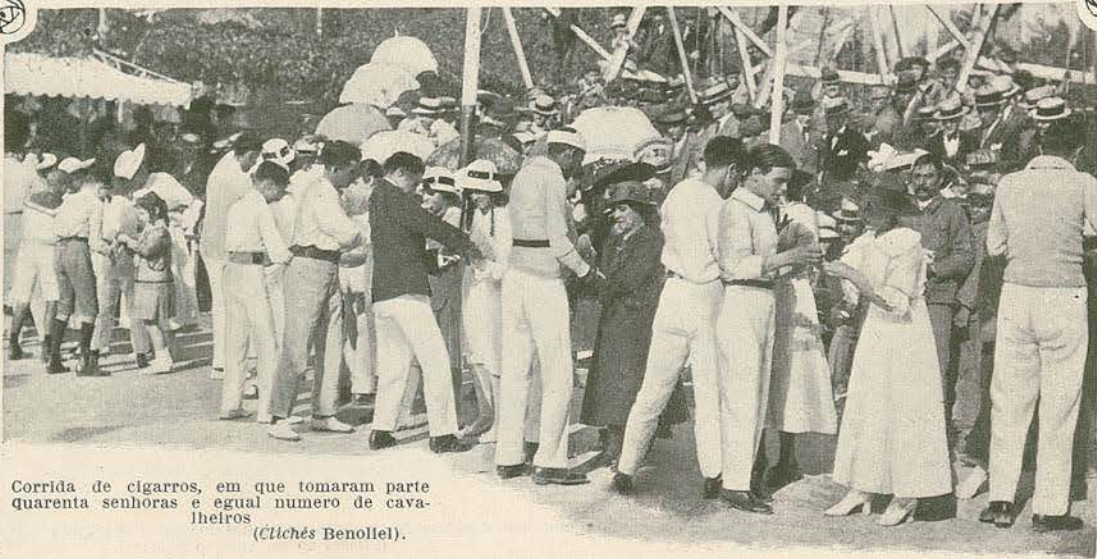
Grupo de senhoras que organizou o Gymkhana nos Recreios Desportivos da Amadora: D. Ema da Silva Sacavem, D. Laurinda Roubaud, D. Maria Antonia Viana, D. Maria Delfina de Brito Guimarães, D. Maria Helena Viana, D. Maria Herminia Soares, D. Maria Julia de Brito Guimarães, D. Maria Luiza Correia, D. Maria Luiza dos Santos Matos, D. Maria Tereza Moreira, D. Sofia Martins



Outro aspeto da corrida negativa de bicicletas por senhoras

Com grande brilhantismo realizou-se na Amadora, o lindo Eden dos arredores de Lisboa, uma festa sportiva promovida

por algumas meninas ali residentes, na qual se efetuaram provas que mereceram geraes aplausos. A concorrência foi numerosa.



Corrida de cigarros, em que tomaram parte quarenta senhoras e igual numero de cavalheiros (Clichés Benollel).

CONTRA a
ASTHMA
O PÕ
de ABYSSINIA
EXIBARD
allivia
instantaneamente.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{os}
8, Rue Dombasle, Paris.



TRABALHOS TIPOGRAFICOS

EM
TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

"Ilustração Portuguesa"

R. DO SEculo. 43—LISBOA



CARTUCHOS
Para Rifles de
Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtem quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington - UMC tem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil: LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazona: OTTO KUHLER
Caixa Postal 20 A.
Manaus

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, qulromancas, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Rio de Janeiro

A Empresa d'O SEculo faz publico que transferiu a sua agencia no Rio de Janeiro, para a conceituada firma **José Martins & Irmão, R. do Carmo, 59, 1.º**, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos de fornecimento avulso ou para revenda, de exemplares do

Seculo
Ilustração Portuguesa
Suplemento de Modas & Bordados
e Seculo Comico

MAIZENA

Pudim de
"Maizena"



Sabeis que uma sobremesa pode ser leve e delicada—muito facil de fazer—e, ao mesmo tempo pode encerrar excellentes qualidades nutritivas? As VERDADEIRAS sobremesas preparam-se com "Maizena."

PUDIM DE MAIZENA COM LIMÃO

Deite-se o sumo e a casca ralada de dois limões em seis onças de assucar e tres de "Maizena" e dissolva-se bem em agua fria. Deite-se quartilho e meio de leite fervendo, mexendo-o até ficar basto. Retire-se do fogo e deite-se-lhe uma onça de manteiga e quatro ovos; leve-se novamente ao fogo, tendo o cuidado de o não deixar queimar; retire-se quando esteja espesso e, em seguida, encha-se algumas taças ou moldes já humedecidos com agua fria e poderão ser immediatamente despejados. Nata e assucar, ou qualquer molho doce, são preferiveis.

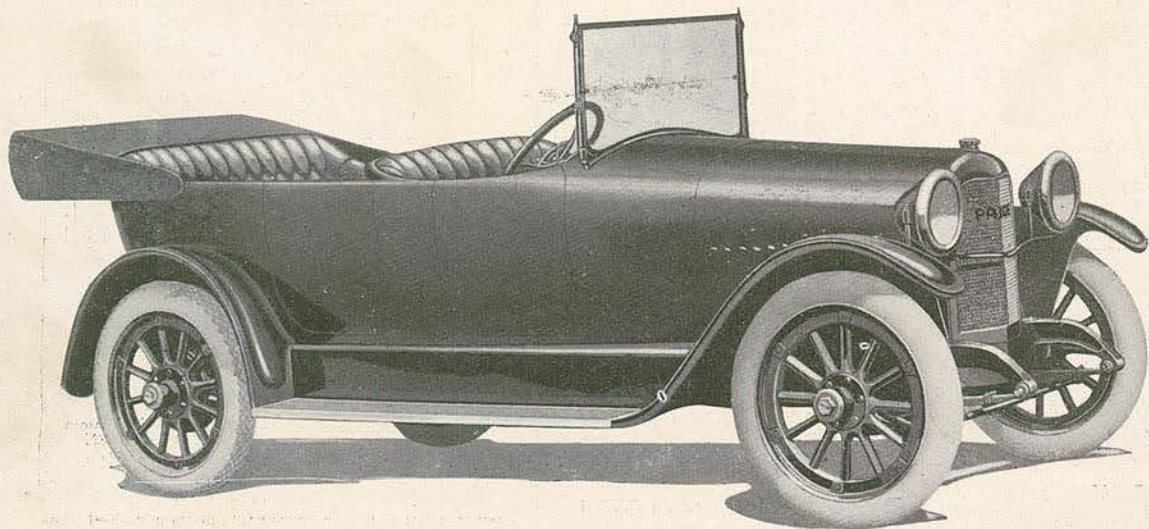
NATIONAL STARCH CO. New York, E. U.
Á venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

Ler na proxima quarta-feira o
Suplemento de MODAS & BORDADOS
D'O SEculo

Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos,
e Bordados

INTERESSANTES CONCURSOS

Automoveis **PAIGE**



PENINSULAR PALACE

Avenida do Almirante Reis, 80-B, 80-C, 80-D e 80-E

Reparações – Acessorios

RECOLHA DE AUTOMOVEIS

Reparação de protectores e camaras d'ar

FOR

VULCANISAÇÃO APERFEIÇOADA

Telefone (Norte) 594 – **LISBOA**



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: L. DA SILVA GRAÇA, Lest.™

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

CENA DOMESTICA



— Bem, fica como cosinheira. Mas não pense em roubar-me. Eu sei o que isso é.
— O quê?! A senhora também já foi cosinheira?

PALESTRA AMENA

LUZ!

No jornal em que trabalho, falta ha tres dias a luz. O serviço foi executado á luz de velas de stearina. Para quê? Para o jornal sair dia alto porque a maquina não pode funcionar durante muito tempo. E porque não funcionou a maquina? Por falta de energia electrica.

Ha dois dias, ou melhor, ha duas noites, estava eu em casa de gente amiga, a seroar. Subitamente, ficámos todos ás escuras. A luz electrica eclipsára-se. Uma semsaboria medonha porque se pôz termo ao serão que corria delicioso e nem houve tempo para o atracão usado em taes emergencias.

Hontem, na minha rua, faltou de repente a luz. Os transeuntes andaram ás turras a um grande tapume de uma obra eterna. Outros alejavam os pés sobre os pedregulhos da dita obra e caíam de borco, praguejando.

Hoje, amanhã, depois, não sei o que sucederá. Mas com certeza não acontece coisa boa.

Ocorre perguntar a que devemos tanta treva, ou melhor dizendo, a quem devemos tamanha pouca vergonha. A pergunta é facil e a resposta ainda mais facil. Este lindo estado de coisas deve-se ás Companhias Reunidas do Gaz e Electricidade, que não satisfeitas com esfolar-nos, nos prejudicam por todos os meios ao seu alcance e ainda por cima caçoam com a tropa respondendo ás nossas justificadas reclamações — Tenham paciencia! O que querem que á gente lhes faça! Ora os maduros! Que tal está o da rabeça!

Caê tudo em cima da companhia. Ela é boche, ela é rapinante, ela é desastrosa—ela é o diabo. E eu concordo. Mas convenham comigo n'uma coisa, e é que essa saraivada de impropérios sobre a companhia podia ser reduzida de cincoenta por cento, applicando-se a outra metade ao governo. Quem diz governo, diz governos. Sim, o mal já lá vem de traz e da moleza dos governos tem a companhia cobrado alentos para continuar na sua.

Não me venham com o contrato e que não se pode rescindir o contrato. Bem sei. Mas pode-se, fatalmente, ir aos fagotes da companhia e fazê-la entrar na ordem. Isso está claro que pode.

Porque o não faz o governo?
Misterio!

Quer-me, porém, parecer que o governo faz mal cruzando os braços diante d'esta brincadeira de mau gosto. A não ser que o governo tambem ande a brincar com a tropa e esteja a ensaiar aquela zarzuêla—*Apaga e vamo-nos.*

João Ripanso.

Entre relojoeiros

Encontraram-se ha dias dois relojoeiros muito conhecidos em Lisboa.

- Vais então casar?
- Vou.
- Com quem?
- Com uma viuva.
- Bravo! Uma mulher de repetição!

Outra vez o Marquez

Outra vez anda na berra o monumento do Marquez de Pombal, que os patriotas querem vêr de pé, em bronze, na Rotunda, a marcar o lugar do sr. Machado Santos e que os reacionarios não querem porque... porque, afinal, como eles dizem, foi correligionario de suas ex.^{as}.

E eis aqui uma das coisas mais interessantes de todo este pagode: os reacionarios afirmam e desunham-se na publicação de documentos provando que Pombal foi familiar do Santo Officio. E a par d'isso não querem a estatua do Marquez.

Os liberaes engolem em sêco as provas de que Pombal não ia muito á bola das liberdades e exigem para ali o monumento.

Seria curioso ouvir a opinião do Marquez, se ele a pudesse dar.

Dizia-as lindas, meninos!

NA DOCTRINA



—Mentno José, como se chamavam os primeiros homens?

—Eva e Adão.

—Ndo, sr. Adão e Eva. Quantas vezes lhe hel-de dizer que Deus creou os homens por ordem alfabetica.

Imprevidencia

Reconheceram-se agora varias dificuldades na adaptação das alimarias ao serviço do exercito e os inconvenientes em não os educar préviamente. Ha dias, no Rocio, uma parelha que puxava uma carreta de artilharia teimou em não seguir para a Avenida, como o condutor queria. Desembocou da rua do Ouro, seguiu pelo lado occidental do Rocio, depois pelo lado norte, em seguida pelo oriental, depois pelo sul, repetindo o mesmo itinerario dezenas de vezes, sempre á roda.

Soubese mais tarde que as duas muares estavam habituadas a andar á nora!

Percebe-se

Causou grande admiração o aviso afixado n'uma parede do 1.º andar do governo civil, prevenindo o publico de que «por conveniencia de serviço», se não aceitavam notas de dois escudos e meio nem moedas de tostão.

Pois não ha que admirar. Lá dizia o aviso: «por conveniencia de serviço.» Quer dizer, para os srs. empregados não se incomodarem a verificar se as notas e os tostões seriam falsos ou não, em vista da abundancia que ha d'aquelas especies avariadas.

Era só o que faltava! Exigir atenção dos srs. funcionarios!

ENTRE ESPOSOS



—Que te parece esse rapaz a quem convidamos para jantar?

—Que come com muito appetite. Gostou de tudo... menos da nossa filha.

Não vai nada!

Um constante leitor — pois então quem havia de ser?—manda-nos uns versos sobre a apreensão do jornal a Republica, efetuada ha dias.

Não publicamos. Não vai nada. Mesmo porque os versos são dos peores que cá teem aparecido, comquanto, valha a verdade, tenham sua pilheria.

Mas é sabido que nós vamos feitos com a policia e a censura e estamos sempre prontos a defendel-as.

E a prova está n'isto, que é claro como seria a agua em que o amigo Camacho lavasse as mãos; a censura não corta aqui nada. Logo, está feita com-nosco.

E a policia, com quem ás vezes nos temos escamado, até nos pede por favor que a não prendamos e faz abaixo-assinados para sermos nomeados na proxima futura reforma—comissarios. Sorté até aqui.

Sovado

Um tal Alfredo Pimenta, ou coisa parecida, que se botou a fazer criticas literarias n'uma folha de tenra idade, tem apanhado ultimamente valentissimas sovas nas de idade provecta. Tão violentas e tantas, que nos fazem desconfiar...

Querem vêr que o diabo do homem tem talento?!

Expertiscismo I



—Diz-me lá, Joaquim, qual consideras tu mais feliz: um homem que tem vinte contos ou que tem sete filhos?

—O que tem sete filhos.

—Porque?

—Porque o que tem vinte contos ainda julga que tem pouco e o que tem sete filhos tem já de sobra.

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para os alunos dos liceus)

Os recém-nascidos

Os meninos e meninas que teem tido a bondade de assistir a estas minhas substanciosas conferencias não de crescer, chegar a homens e a mulheres, respetivamente, pelo que se devem ir desde já prevenindo para o caso de virem a ter filhos.

Os cuidados a haver para com a criança recém-nascida, eis o tema da conferencia de hoje.

Primeiro, sabendo-se que a criança acaba de fazer a longuissima viagem de Paris até cá, deve-se-lhe dar um banho geral, para lhe tirar a poeira do caminho. Feito isto, é de toda a conveniencia tornal a sociavel e em estado de conviver, sem o que ficará reduzida á condição de parasita, sujeita ás graves consequencias de tal defeito.

Urge, pois, que a criança fale e fale uma lingua ao alcance de todos. Recomenda-se o esperanto, que é de comprehensão rapida. Logo se preparará para a luta fisica e moral, da vida, obrigando-a já ao *foot-ball* ou a qualquer outro exercicio que desenvolva os musculos, já a leituras criticas e moraes, como a do *Século Comico*. Se então ela demonstrar talento, immediatamente será apresentada ao sr. Antonio Cabreira para que a introduza no seio da Academia das Ciencias de Portugal & Algarves e faça parte da Comissão de Inventos.

Manifestando estupidez escolherá um curso científico, literario ou recreativo, que póde ir desde a matematica universitaria á Indumentaria da Escola de Arte de Representar.

Taes praticas determinarão no recém-nascido um desenvolvimento, talvez precoce, mas sem duvida salutar, em opposição á rotina atual, que representa um atraso de vinte anos ou mais na vida do homem. E' certo que n'estes primeiros tempos o recém-nascido ha-de estranhar o novo regimen, mas depressa reconhecerá as suas vantagens sobre o sistema futil e inepto das faxas, da mamã e da gracinha alvar do burriño velho. Disse.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

Uma grande obra

Anuncia-se para breve a publicação de uma obra que vai fazer uma verdadeira revolução no mundo científico, mórmente entre os matematicos.

Trata-se, é claro, de uma produção do nosso Antonio Cabreira, que será dada á estampa pelas varias Academias a que o descompassado homem de ciencia pertence.

Trata-se de um livro em que Cabreira lança muita luz sobre este problema ha muito debatido: o triangulo da Maçonaria é ou não isosceles?

Cabreira pensa que sim e termina por um capitulo em que se benze tres vezes.

Ele, tres, e o leitor, seis.

EM FOCO



Oscar Monteiro Torres

Voa por sobre nós de aeroplano,
Mais seguro, mais firme e mais ousado
Do que eu ando nas taboas do sobrado
No meu passo a tremer, de veterano.

Que mais inventarás, ó genio humano,
Que novo maquinismo que dê brado?
Virás a atravessar de lado a lado
A Terra, perfurada por um cano!

Tudo póde supôr-se, pelo visto
Ir ao sol, despejar a lua cheia
Resuscitar os mortos, como Cristo!

Que bela e formidavel epopeia!
—Sabem dizer-me, já que falo n'isto,
Onde pára o balão do João Gouveia!

BELMIRO

Livros, livrinhos e livrecos

Canções Portuguezas, de Antonio Viana—Recebemos estas lindas composições musicas, da coleção com que o apreciado *maestro*,—apesar de não ser profissional, assim se lhe deve chamar—tem enriquecido os arquivos nacionaes. E ainda ha quem julgue que o curso universitario de direito não serve para nada! Exemplo do contrario é Antonio Viana, que de Coimbra trouxe uma riqueza de inspiração mais valiosa que todos os codigos.

Almanaque dos palcos e salas—Ha 29 anos que Arnaldo Bordalo, com uma intrepidez heroica, lança no mercado este curioso livrinho, recheado de monologos, anedotas teatraes, cançonetas, comedias, etc. D'esta vez, para 1917, dá-nos alem de tudo isso, os retratos de Eduardo Schwalbach e Albertina de Oliveira, duas das carinhas mais simpaticas que iluminam os bastidores. Quem não adquirir, pois, o alegre livrinho, é—com a devida venia—muito falto de bom gosto.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

D'este nosso abalisado e valente colaborador recebemos a carta que se segue:

"Amigo arredator."

Isto parte de Peras Ruivas adondes, cumo çabe, tanho istado a vraniar na cumpanha de minha mulher, mès filhos, us mès bácos i um jimento que conçervo pur irdança, purque era u burro do mê pai. Mas istou munto relado de çoidades pella vela capital i já nan poço parar aqui, çobretudo cum soidades dus triatros i cum dezejo de dezer duas berdades cum punhos çôbre u que tanho lido, nus jornais arrespêto de cumpanhias, ilencos, reputoiro, etc. Nunca ce biu uma tal pouca bergonha de requelames, tudo é sélebre: as péssas cainda ce nan cunhessem, os atôres i atrizes cainda ce nan istriaram, us imprezarios cainda nan çabem dondes le a-de vir u dinheiro, etc.

Ora intão eu prá cemana ai bou fulgado pur dois mezes de çucego i cum um marameleiro nouvo cainda nan esprimente i que istá morto pur intrar in fonsão. Isperem-le pela pancada.

Inté brebe di este ceu calaburador infetivel i obrigado.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas

Serviços camararios

A má lingua nacional não poupa coisa alguma! Imaginem que o *Seculo*—perdão, papá!—teve a desfaçatez de amesquinhar os serviços prestados á cidade pela Camara Municipal, chegando a afirmar que foram nulos!

Pois para que o papá veja que está em erro, saiba que n'uma das ultimas sessões os benemeritos vereadores resolveram: mudar o nome da travessa da Estopa para travessa das Fiandeiras; da travessa do Moinho Velho para de Alecrim; da travessa do Machado para de Giesta; da travessa do Carneiro para da Verbena; da travessa da Faustina para da Madre Silva—e mais vinte e tantas ruas, travessas e becos sofreram crismas.

A Camara, relatando o que se passou em tão memoravel sessão, esqueceu-se de publicar o fundamento das transformações; adivinha-se, porém, pelos novos nomes, de Alecrim, Giesta, Verbena, Madre Silva, etc., que se trata de uma homenagem aos vegetaes, prestada por algum vereador herbivoro. A condenação do Carneiro confirma a hipotese.

As grandes discussões

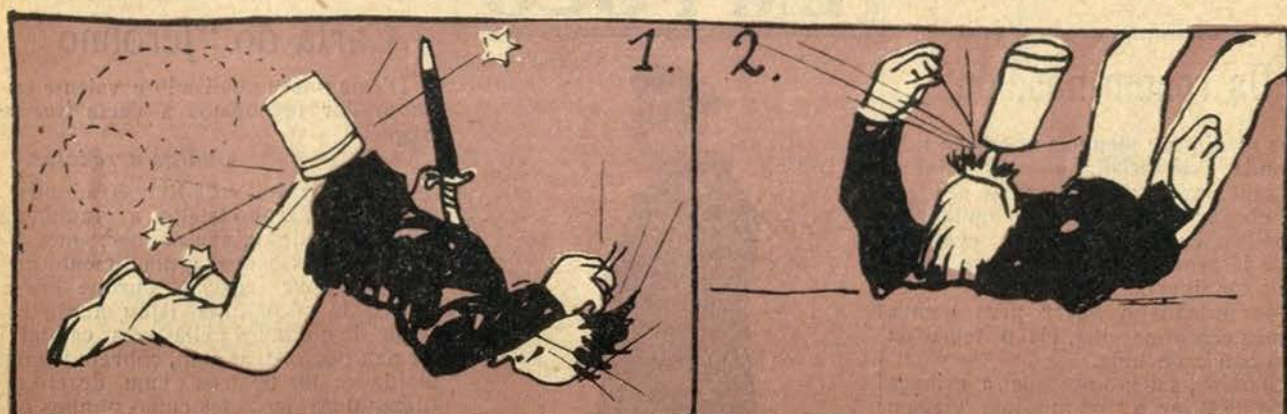
—Discutimos acaloradamente, eu e o Sousa, a questão da nossa intervenção na guerra. E discussão foi ela que durou duas horas.

—E aonde os conduziu essa discussão?

—Ao posto da Misericordia.

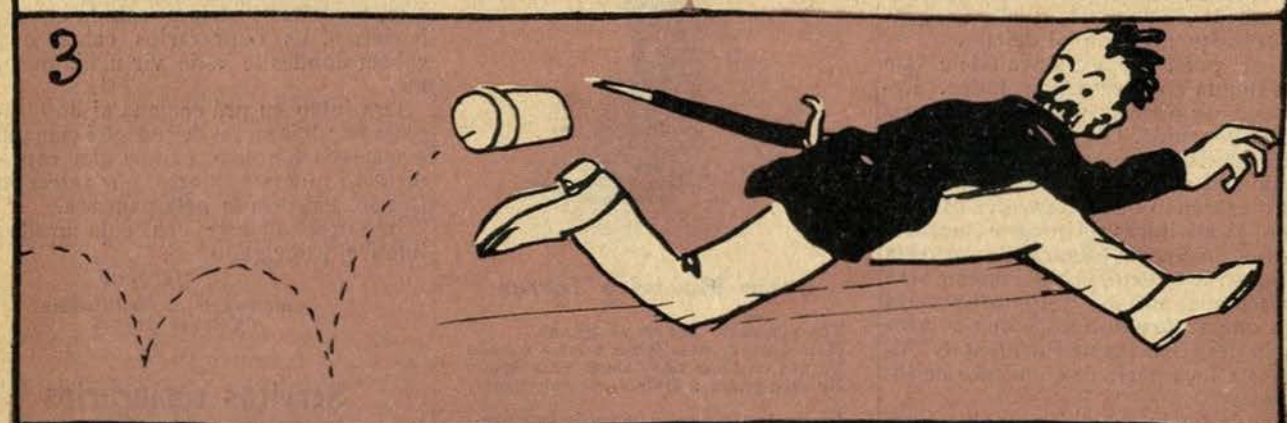
O MANECAS E O POLICIA

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)



1.....199

2.....199



3.—Maldita granada!... Isto é invenção *almã* com certeza!...



4.—O' 39, vens assarapantado! Foste vítima d'alguma *catástrofe!*

5.—A'!... A'!... A'!... O' 39, então largaram-te uma *arrã* às gambiás? Foram o Quim e o Manecas com certeza!